

Os impactos da "urbanização turística" no litoral de Fortaleza: fragmentação e diferenciação socioespacial.

Ricardo Alexandre Paiva¹

Resumo: O artigo analisa os impactos da "urbanização turística" no litoral de Fortaleza, enfatizando o processo de segregação socioespacial exacerbado pela atividade turística. Para tanto, apresenta um breve panorama histórico do processo de urbanização pretérito verificado na orla a fim de respaldar a compreensão das transformações suscitadas com o desenvolvimento do turismo na cidade. A faixa litorânea de Fortaleza constitui o lugar por excelência da manifestação espacial da atividade turística. Esses lugares selecionados pelo turismo, representados pelos atrativos naturais da paisagem litorânea, sofrem intervenções que induzem um processo de turistificação mais intenso, com mudanças importantes no uso e ocupação do solo, assim como na relação entre a paisagem natural e construída. Adotou-se como procedimento metodológico um macrozoneamento do litoral de Fortaleza e uma análise por trechos, identificando os impactos da atividade turística no uso e ocupação do solo, assim como na relação entre a paisagem natural e construída..

Palavras-chave: Turismo. Urbanização. Litoral. Fortaleza. Brasil.

Introdução

A urbanização gera turismo, mas o contrário também é verdade: o turismo induz a urbanização (HENRIQUES, 2003). Atualmente, cada vez mais o turismo tem estimulado a urbanização, seja na cidade existente, seja em lugares devotados quase exclusivamente para o lazer.

Patrick Mullins é o primeiro estudioso a cunhar a expressão "*tourism urbanization*", título de um artigo de referência. Mullins (1991) identifica um processo peculiar de "urbanização turística", que é fruto e sintoma da pós-modernidade. Os argumentos de Mullins em relação à emergência da "urbanização turística" fundamentam-se na contraposição de dois períodos históricos da urbanização, a saber: um primeiro relacionado ao consumo coletivo, resultando na suburbanização (1945-1971), e um segundo relacionado à constituição das cidades pós modernas e do consumo do prazer, redundando no processo de "*gentrification*" (a partir de 1971).

Uma das principais contribuições de Mullins, ao tratar da relação entre turismo e urbanização, é o fato de contrapor o processo de urbanização atrelado à industrialização centrado no trabalho e na produção, com este novo padrão de urbanização de teor pós-moderno e amparado no lazer e no consumo. Essa diferenciação é fundamental para a compreensão do processo de urbanização desencadeado pelo turismo, que se funda nas atividades de lazer e consumo, inclusive o consumo do/no espaço.

¹ Arquiteto e Urbanista UFC (1997), Mestre FAUUSP (2005) e Doutor FAUUSP (2011). Professor Adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará. email: paiva_ricardo@yahoo.com.br

A produção e o consumo dos espaços litorâneos, que qualificam a modalidade de turismo de “sol e mar”, constituem um dos segmentos mais dinâmicos da atividade turística, que possuem desdobramentos incontestáveis na urbanização litorânea e turística.

A diversificação dos usos que caracterizam o processo de urbanização litorânea de Fortaleza, distintas no tempo e no espaço, revela a necessidade de compreender a origem, o desenvolvimento, a condição atual e as transformações espaciais provocadas com o advento do turismo no litoral da capital cearense, sendo assim:

A análise histórica se presta à explicação dos processos contemporâneos na medida em que é possível inferir sobre as permanências no território de dinâmicas socioespaciais pretéritas, uma vez que a urbanização se realiza sobre espaços pré-produzidos em função de práticas socioespaciais distintas no tempo. (PAIVA, 2011, p. 53).

O turismo se apropria dos espaços da cidade produzidos em uma etapa anterior da urbanização, ao mesmo tempo em que passa a adaptar e direcionar as preexistências espaciais à sua lógica, construindo novas espacialidades e gerando novos fluxos intraurbanos e metropolitanos.

Com base nestes pressupostos, o objetivo do artigo é analisar quais são as bases e preexistências espaciais em que a atividade turística se insere e as características do processo de "urbanização turística" contemporâneo verificado no litoral de Fortaleza, identificando os processos de fragmentação, diferenciação e segregação socioespacial.

O processo histórico de urbanização da faixa litorânea de Fortaleza.

As intervenções antrópicas históricas na faixa litorânea foram responsáveis por transformações significativas não somente no processo de urbanização de Fortaleza, mas na relação da cidade com a sua orla marítima. A faixa litorânea de Fortaleza² caracteriza-se por uma elevada complexidade morfológica, socioambiental, econômica e cultural, pois, evidentemente, a ocupação não se efetuou de forma homogênea, pelo contrário, obedeceu ao processo de urbanização desigual da cidade.

A expansão da urbanização de Fortaleza em direção às áreas litorâneas acontece em função de uma valorização crescente das práticas marítimas modernas. A maritimidade moderna em Fortaleza não constitui mera reprodução das práticas marítimas do ocidente desenvolvido, engendradas pela aristocracia européia a partir do século XIX. Embora essas práticas sirvam de modelo para os países periféricos dos trópicos, apropriadas nestas paragens com o intuito de se alinhar à civilização, se diferenciam na medida em que, pelo próprio retardamento histórico, há um processo seletivo, traduzido pela recusa ou aceitação destes comportamentos sociais mais

² A faixa litorânea tem uma extensão de 34,2 km de praia banhada pelo Oceano Atlântico. Incluindo a orla do rio Ceará, abrange uma extensão 43,4km. Caracteriza-se por possuir duas direções preferenciais de orla marítima. A primeira, de sentido leste-oeste, é localizada entre o Rio Ceará e o Porto do Mucuripe abrangendo uma extensão de 19,4km (incluindo os 9,2km da margem do rio Ceará, esta faixa passa para 28,4km). A segunda, noroeste-sudeste, é situada entre o Serviluz e a foz do Rio Pacoti, com extensão de aproximadamente 15 km. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2006, p. 10)

sofisticados, que passam por seu turno a coexistir com a maritimidade tradicional local (DANTAS, 2004).

No final do século XIX e início do século XX, a ocupação da faixa de praia em Fortaleza se dá primeiramente pela população pobre, na sua maioria, formada por pescadores e imigrantes advindos do sertão, que não compartilhavam das melhorias do processo de urbanização que se implementava na cidade³ no período. Nesse contexto, a faixa litorânea constitui uma área marginalizada do ponto de vista da localização, por concentrar as habitações precárias, as atividades de pesca e o porto. A faixa litorânea, valorizada no seu aspecto funcional e utilitário, caracterizava-se especialmente pela presença de galpões, armazéns, do comércio atacadista, da alfândega, ou seja, pelas atividades que davam suporte à atividade portuária. O porto propriamente dito era bastante precário, pois “os navios então paravam ao largo, onde eram alcançados por lanchas, barcos e jangadas que faziam ligação com a praia” (CASTRO, 1977, p. 37). As aglomerações favelizadas ainda existentes no litoral de Fortaleza, sobretudo próximas ao núcleo central, têm sua origem mais remota pautadas nessas formas de ocupação do litoral. A valorização do litoral de Fortaleza no contexto da “*maritimidade moderna*” é inaugurada a partir do momento em que a Praia de Iracema⁴ começa a abrigar, entre a década de 1920 e 1930, os banhos de mar e as caminhadas para fins terapêuticos e de lazer e recreação, assim como as primeiras residências destinadas ao veraneio marítimo (Figura 01).

Figura 01: Vista Aérea - Praia de Iracema Década de 1930

³ A ocupação do litoral por pescadores e a conseqüente constituição de vilas e pequenos aglomerados é um fenômeno observado em todo o Ceará, ao passo que a ocupação favelizada é um processo característico de Fortaleza.

⁴ Antes denominada Praia do Peixe, consoante seus usos e funções, a Praia de Iracema foi gradativamente sendo apropriada pelas classes mais abastadas, suscitando, conseqüentemente, a expulsão dos antigos ocupantes, na sua maioria pescadores. A construção da draga do Porto do Mucuripe na década de 1940 foi responsável por engrenar um processo de decadência na Praia de Iracema sob dois aspectos: primeiro por tornar obsoleta a infraestrutura portuária existente (pontes, armazéns, alfândega) e segundo por comprometer, por conta da erosão da faixa de praia, as atividades de lazer e recreação emergentes.



Fonte: Arquivo Nirez

A ocupação litorânea por aglomerações espontâneas favelizadas se acentua a partir da década de 1930, sendo alguns trechos do litoral incorporados para tal fim, como é o caso do Pirambu⁵ (1932), na faixa litorânea oeste e, posteriormente, no Mucuripe, localizado no extremo leste, associados à construção do ramal ferroviário Parangaba-Mucuripe como forma de viabilizar o porto recém-construído. Em consequência, surgiram favelas ao longo do ramal ferroviário e nas dunas da zona portuária.

Os clubes sociais⁶ impulsionaram sobremaneira a apropriação dessas zonas de praia e contribuíram para a valorização da orla marítima. No entanto, a consolidação da Praia do Meireles como localização privilegiada da classe dominante teve seu marco definitivo com a construção da Avenida Beira Mar em 1963⁷, conforme as diretrizes do Plano Diretor de Fortaleza (1962), elaborado por Hélio Modesto. Nessa altura do processo de urbanização da cidade, a Praia do Meireles constituía não somente um território de residências de veraneio, concentração de atividades de lazer privado dos clubes e das práticas de recreação junto ao mar, mas uma área que se valorizava gradativamente como local privilegiado da habitação da elite em função da expansão da tessitura urbana em direção ao mar, provenientes do prolongamento da malha urbana procedentes da Praia de Iracema e da Aldeota.

⁵ O Pirambu tem origem na instalação por parte do poder local de “campos de concentração” destinados a manter isolados os flagelados em decorrência da Seca de 1932.

⁶ A arquiteta Mirtes Freitas, em estudo sobre os clubes da cidade de Fortaleza entre a década de 1950-70, identifica a existência de onze clubes concentrados na Praia do Meireles e trecho da Praia de Iracema e Aldeota, não necessariamente defronte ao mar, a saber: Clube Jaganda, Comercial Clube, Centro Massapeense, Ideal Clube, Clube dos Diários, AABB, Náutico Atlético Cearense, Clube Líbano Brasileiro, Círculo Militar, Clube Iracema e Ceará *Country Club*. É importante destacar que destes onze clubes, apenas o Círculo Militar, o Náutico Atlético Clube e o Ideal Clube ainda mantém a sua sede e atividades, os demais foram, na sua maioria, demolidos para a construção de torres de edifícios multifamiliares. O Ceará *Country Club* localizado na Av. Barão de Studart sedia um restaurante. É importante salientar que, à época da construção dos primeiros clubes, a via litorânea não existia, favorecendo uma ligação mais franca dos clubes com a cidade, tornando a integração com a praia secundária.

⁷ A construção da Av. Beira Mar marca o início do processo de transferência das atividades de lazer das elites do centro para a zona leste. Esse fato é tão relevante que, paulatinamente, a própria imagem da cidade veiculada em cartões postais se modifica, principalmente após a construção do calçadão em fins da década de 1970. Se outrora a Praia do Ferreira era a imagem cristalizada da cidade, a Av. Beira Mar adquire a condição de ícone de Fortaleza.

A construção do calçadão da Beira Mar, em 1979 (Figura 02), em etapas, foi gradualmente ratificando a importância do lugar como espaço de lazer, criando condições favoráveis para a proliferação de edifícios residências multifamiliares e para a construção de hotéis. No momento em que a Beira Mar passa a atrair a população de toda a cidade, transformando-se numa espécie de praça linear.

O adensamento dos terrenos defronte à orla, a diversificação dos usos, a ocupação do espaço público pelo privado, o lançamento de efluentes nas galerias pluviais e o lixo colaboraram para comprometer a balneabilidade da praia, atuando como fator de expulsão da classe abastada no que se refere aos banhos de mar. Atualmente o usufruto da praia pela população mais abastada é basicamente para as atividades de caminhadas e esportes no calçadão.

Figura 02: Vista Aérea Calçadão da Beira Mar - início da década de 1980



Fonte: www.skyscrapercity.com

A verticalização da Praia do Meireles e a construção dos primeiros hotéis se iniciaram na década de 1970, conferindo à paisagem da orla uma nova configuração. Até 1979, ano da lei 5.122-A, que estabelecia, entre outras diretrizes, a verticalização de várias áreas da cidade, os edifícios altos localizados na orla só podiam ser construídos com até oito pavimentos. Após a lei, o gabarito estabelecido de 72,00m ampliou o índice de aproveitamento, favorecendo a atuação dos empreendedores imobiliários. Nos anos 1980 e 1990, a verticalização se intensifica não somente na orla, mas em todo o lado leste da cidade, mudando de forma significativa a dinâmica urbana de Fortaleza.

A Praia do Futuro, localizada na zona leste do litoral fortalezense, entre o porto do Mucuripe e a foz do Rio Cocó, teve seus terrenos valorizados em função da construção do porto a partir da década de 1940. Na década de 1950, toda a faixa junto à praia foi loteada por Antônio Diogo, proprietário então de toda a área⁸.

Entre os anos 1960 e 1980, a urbanização nessa faixa da orla se deu vagarosamente e ainda hoje não se consolidou. Datam deste período os primeiros investimentos na implantação de infraestrutura viária com o melhoramento dos acessos, como foi o caso da ampliação da Av.

⁸ O parcelamento do solo implantado corresponde a uma extensão de 7 Kms por 600m de largura.

Santos Dumont em 1976 até a Praça 31 de Março. Na década de 1980, foi construído o calçadão da Praia do Futuro e feito o alargamento da Avenida Zezé Diogo, paralela à praia (Figura 03).

Figura 03: Vista Aérea Praia do Futuro - início da década de 1980



Fonte: www.skyscrapercity.com

A partir da década de 1980, esboçou-se um processo de ocupação da Praia do Futuro pela habitação de classe média de residências unifamiliares e edifícios multifamiliares, no entanto as condicionantes naturais⁹ desta zona de praia (fortes ventos e maresia¹⁰) abortaram o processo de ocupação efetivo da praia nos fins da década de 1980.

O tipo de ocupação da Praia do Futuro é bastante diversificado, marcado: pela presença de pequenos estabelecimentos industriais nas proximidades do porto; pelas favelas e ocupações irregulares pontuadas em toda a extensão tanto nas áreas fronteiriças ao mar como em zonas de dunas; pelas construções de mansões e mais recentemente condomínios horizontais nas dunas; pela construção à beira mar de um complexo de barracas de praia voltadas para o lazer local e mais recentemente incrementadas para atender a atividade turística; pela construção de uma rarefeita rede hoteleira e pela existência de grandes vazios urbanos.

Ao passo que se verifica um processo de valorização na zona leste de cidade em direção à Praia do Futuro, embora de caráter ambíguo, por concentrar simultaneamente várias formas de uso e apropriação do espaço, desde mansões, hotéis e equipamentos turísticos até favelas, a urbanização da costa oeste ocorre exclusivamente como espaço destinado às classes menos favorecidas. Essa fragmentação e diferenciação espacial no processo de ocupação da orla têm raízes históricas.

(...) os bairros do litoral oeste considerados pobres, como Pirambu e Arraial Moura Brasil, aumentavam seu adensamento urbano, na grande maioria representado por favelas. Estes bairros, desde os primórdios da ocupação de Fortaleza, sempre foram considerados pelas elites da Capital cearense como a área destinada à moradia de pescadores e dos pobres que, não tendo condições

⁹ A Praia do Futuro possui um extenso cordão de dunas e sofre mais intensamente os impactos da maresia, ao contrário do que acontece na zona litorânea entre a foz do Rio Ceará e a Ponta do Mucuripe, de fato mais protegida das intempéries naturais.

¹⁰ De acordo com estudos do Centro de Pesquisa da Eletrobrás (CEPEL), Fortaleza possui o segundo maior índice de poluição salina do mundo, também conhecida como maresia, ficando atrás apenas da região do Mar Morto, em Israel.

econômicas de residir no Centro, continuavam se aglomerando nestes bairros, tornando-os cada vez mais desaconselháveis àqueles que intentavam fazer investimentos imobiliários, em vista de sua baixa valorização no mercado (SILVA, 2006, p. 83).

A construção da Av. Leste-Oeste, em 1975, como estratégia para ligação do Porto do Mucuripe às indústrias localizadas no polo da Francisco Sá, teve grande impacto na estruturação do lado oeste da orla de Fortaleza, permitindo o desenvolvimento de atividades de comércio ao longo da via.

Na década de 1980, foi construído o polo de lazer da Barra do Ceará, na parte do extremo oeste da orla de Fortaleza, voltada para atividades de lazer dos bairros populares da área, no entanto o espaço compreendido entre a Escola de Aprendizes Marinheiros e a Barra do Rio Ceará abriga, em toda a sua extensão, habitação favelizada, constituindo um enclave na cidade. Tal realidade tem se transformado com o Projeto Vila do Mar (2011), que construiu um calçadão e construiu habitações de interesse social.

Note-se que a ocupação da faixa litorânea se submeteu à demarcação natural imposta pelos rios. No lado leste, pela foz dos Rios Ceará e, no lado, oeste pela foz do Rio Cocó, muito embora o litoral de Fortaleza não se reduza a esses limites, pois existe uma extensa faixa de praia entre a foz do Rio Cocó e a foz do Rio Pacoti, correspondendo à Praia da Sabiaguaba, que atualmente ainda constitui uma área pouco urbanizada em função dos limites naturais e pela precariedade dos acessos. A Sabiaguaba é a única faixa litorânea que ainda possui uma configuração natural parcialmente conservada na orla de Fortaleza. Essa realidade certamente será alterada a partir da recente finalização da construção da ponte sobre o Rio Cocó que facilitará o acesso ao litoral do município de Aquiraz.

Baseado nessa breve evolução da urbanização litorânea de Fortaleza é possível estabelecer um macrozoneamento da orla, relacionando as preexistências históricas supracitadas às transformações espaciais contemporâneas desencadeadas pela atividade turística. A Figura 04 apresenta o mapeamento do macrozoneamento da orla de Fortaleza a fim de elucidar os impactos da atividade turística no litoral de Fortaleza.

Figura 04: Foto Aérea de Fortaleza - Macrozoneamento da Orla



Fonte: Elaborado pelo autor

Os impactos da "urbanização turística" no litoral de Fortaleza.

Para Mullins (1991), a urbanização atrelada ao turismo apresenta um aspecto incomum na história da urbanização ocidental: elas são construídas para o visitante. No caso da Região Metropolitana de Fortaleza, é possível notar que algumas porções seletivas do território metropolitano têm a sua razão de ser em função de uma produção e consumo do espaço voltado para o turista, ainda assim condicionada fortemente pelas preexistências socioespaciais locais.

Fortaleza constitui o centro de atração e distribuição dos fluxos turísticos não somente da RMF, mas de todo o litoral cearense, assim como dos polos turísticos localizados no sertão e nas serras. Nesse sentido, verifica-se que o processo de metropolização de Fortaleza impulsionado pelo turismo não tem impactos exclusivos nas áreas localizadas na orla, principal atrativo turístico da MetrÓpole.

O processo de "urbanização turística" transforma os espaços da cidade produzidos em uma etapa anterior da urbanização, ao mesmo tempo em que passa a adaptar e direcionar as preexistências espaciais à sua lógica, construindo novas espacialidades e gerando novos fluxos intraurbanos e metropolitanos. Neste sentido, segue uma análise sobre os impactos da atividade turística em diferentes trechos do litoral de Fortaleza.

Orla degradada/Centro

Predominam, nesta área do litoral de Fortaleza, ocupações urbanas legais e ilegais, na sua grande maioria horizontais, apesar da alta densidade. Essa parte da orla (Figura 05) é a que sofre mais

fortemente as consequências do processo de erosão da faixa de praia desencadeado pela construção do porto no Mucuripe apesar das sucessivas obras de engenharia dos espigões para evitar o assoreamento da faixa de praia. À degradação do ambiente construído soma-se a deterioração do ambiente natural, maximizando a problemática espacial deste trecho da orla.

Figura 05: Vista Aérea - Orla Degradada



Fonte: Acervo Fabian Salles

O vínculo espacial conflituoso do Centro, outrora a própria cidade, com a sua faixa litorânea, remonta ao fato de Fortaleza se desenvolver em conformidade com o tipo de relações econômicas, políticas e cultural-ideológicas (simbólicas) que mantinha com o mar, ligadas ao porto, à marinha e à pesca.

A problemática atualmente verificada na faixa litorânea do Centro situa-se na privatização do seu espaço e conseqüentemente na restrição do acesso à praia, em decorrência da existência de dois grandes equipamentos: a indústria naval¹¹ (estaleiro INACE) e o Hotel Marina Park, localizados entre a Av. Leste Oeste e o mar.

O Hotel Marina Park (Figura 06), com 40.000m², é um dos hotéis mais visados em função da ampla estrutura de lazer e da existência da marina com capacidade de abrigar por volta de 150 embarcações. O hotel por apresentar uma tipologia horizontal ocupa uma grande extensão da faixa de praia, constituindo uma barreira visual considerável. Ainda que esteja excluído da orla, onde há a maior concentração hoteleira, o Marina Park exerce um papel importante nos fluxos turísticos da capital, pois além da quantidade de leitos, abriga uma diversidade de eventos durante todo o ano.

A implantação do Hotel Marina Park em uma área de grande relevância patrimonial, por se tratar da faixa de praia do centro de Fortaleza, representa umas das intervenções voltadas para o

¹¹ A localização inadequada da indústria naval constitui um dos fatores mais discutidos nas propostas de requalificação da área no que se refere à integração do Centro com a sua zona de praia, por causa do uso e do caráter morfológico da atividade industrial. Do ponto de vista da preservação do patrimônio ambiental urbano, a indústria naval contribui para ocultar física e simbolicamente a foz do Riacho Pajeú, elemento natural marcante e testemunho da origem e expansão da cidade de Fortaleza. Nesse sentido, a permanência do equipamento constitui um empecilho para a utilização pública da praia e conseqüentemente para a valorização turística da área central

turismo na orla com mais forte impacto do ponto de vista da privatização da zona de praia, atendendo aos interesses privados em detrimento dos públicos¹².

Figura 06: Vista Aérea - Orla Centro



Fonte: Acervo Fabian Salles

As contradições da faixa litorânea do Centro são potencializadas pela presença irregular e desordenada de habitações populares ao longo da via férrea que partia do antigo porto, constituindo a comunidade do Poço da Draga. A ocupação da orla do Centro e mesmo de Fortaleza demonstra que os enclaves não são resultado apenas dos usos e apropriações de grandes equipamentos ou mesmo turísticos, mas também das habitações precárias, de formas de urbanização historicamente excludentes.

Vários projetos de intervenção urbana propuseram soluções para esses impasses históricos quanto à integração do Centro à sua orla. As frentes marítimas ou fluviais localizadas em zonas centrais e portuárias têm sido, em muitos lugares, alvo de intervenções urbanas, que em função do seu acervo patrimonial, servem à criação de importantes atrativos turísticos. Em Fortaleza, a maioria dessas ações de intervenções foi abortada, perpetuando a fragmentação e segregação socioespacial da orla e os interesses privados, impedindo o acesso democrático dos espaços da cidade de grande relevância histórica e paisagística.

Orla turística: Praia de Iracema/Meireles

A orla turística de Fortaleza compreende trechos da Praia de Iracema e a Praia do Meireles. A orla marítima correspondente à Praia de Iracema, embora com pouca extensão, possui usos e características morfológicas bastante diversificadas, muitas dos quais heranças do processo de evolução histórica do bairro. A inserção da Praia de Iracema nos fluxos turísticos da capital se processou em função da transformação deste reduto de boêmia que convivia pacificamente com o uso habitacional até fins da década de 1980 em polo de lazer e turismo. Tal transformação deveu-

¹² Como o segmento de turismo de “sol e praia” constitui o maior atrativo de Fortaleza e do Ceará, e a construção do Hotel Marina Park atende a esta demanda, em função da localização privilegiada, da marina e da prática de esportes náuticos que proporciona, a presença do hotel, bem como a falta de integração histórica com o mar não contribuem para a inserção do Centro aos fluxos do turismo. Verifica-se, assim, a desvalorização do turismo cultural e histórico principal potencialidade do Centro de Fortaleza, ao contrário do que acontece em capitais do Nordeste como Salvador, Recife e São Luis. A precária integração e notoriedade da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, marco incontestável da Cidade, constitui um exemplo emblemático da exclusão do patrimônio histórico e cultural não somente dos fluxos turísticos, mas também da própria dinâmica urbana local.

se à mudança na legislação urbanística e a projetos de desenho urbano que tornaram o lugar um importante polo gastronômico na década de 1990 (Figura 07).

Figura 07: Vista Aérea - Orla Praia de Iracema



Fonte: Acervo Fabian Salles

A urbanização do calçadão da Praia de Iracema, com a construção de áreas de passeio e praças, que facilitavam o acesso aos bares e restaurantes e a integração com o mar teve grande impacto no processo de transformação do bairro em polo turístico. O planejamento e intervenções no espaço urbano empreendidas por ações governamentais foram acompanhadas de investimentos do setor privado, com equipamentos voltados para o lazer e o turismo. Esse processo de “*turistificação*” da Praia de Iracema acabou por gerar um processo de produção, uso e apropriação dependente dos imperativos impostos pela especialização do lugar como polo turístico, tais como:

- a espetacularização do espaço urbano através do mote do passado boêmio, com referências, citações e novas concepções espaciais, resultando em um ambiente pasteurizado. O novo e o velho se confundem enquanto categorias de distinção entre o que é autêntico ou não, contribuindo para descaracterização do patrimônio edificado remanescente.
- a mudança nos usos da área, colaborando para expulsão da população residente e comprometendo o equilíbrio entre as atividades diurnas e noturnas. A monofuncionalidade da Praia de Iracema com uso exclusivo para as atividades de lazer esboçou uma reversão no quadro de degradação da área, que não se consolidou, devido à efemeridade dos interesses que justificam os espaços turísticos. (PAIVA, 2005, p. 130)

Durante toda a década de 1990, a Praia de Iracema representou o emblema das intenções de promoção do desenvolvimento turístico do Ceará e de Fortaleza, por parte dos interesses políticos subjacentes. Essas ações foram concretizadas com a construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura em 1999, que, pela falta de integração com as intervenções na orla, contribuiu negativamente para diminuir a atratividade do lugar, que foi subitamente apropriado por atividades voltadas para o turismo sexual.

A vulnerabilidade dos espaços turísticos é tão evidente que a Praia de Iracema sofre novamente um processo de decadência, visível na degradação social e física dos seus espaços, que provocou o desinteresse da população urbana em frequentar o lugar, acompanhado da transferência de

diversos bares e restaurante, muitos dos quais tradicionais, para outras áreas da cidade. A decadência é acompanhada pela desvalorização do acervo patrimonial remanescente.

As transformações por que tem passado a Praia de Iracema são um forte indicativo da urbanização turística em Fortaleza, revelando as várias falácias desse processo, principalmente no que se refere ao fato do espaço se tornar uma mercadoria e como tal se submeter a um ciclo, que inclui, ascensão e declínio. Atualmente, o Governo do Estado está na iminência de construir um grande equipamento turístico no local, o Acquário do Ceará, como forma de alavancar ou criar um novo ciclo de valorização turística da Praia de Iracema.

As marcas desse processo de turistificação na orla da Praia de Iracema ainda são visíveis na permanência de pousadas e hotéis, bem como de bares e restaurantes. A ocupação da orla, no trecho compreendido entre o antigo hotel São Pedro e a Rua Ildefonso Albano, concentra ainda edificações multifamiliares verticais, reforçando a valorização imobiliária desse trecho. A via litorânea e o calçadão favorecem ainda a apropriação pública da orla pela população local. Apesar de uma obra recente de requalificação do calçadão, a intervenção se restringiu exclusivamente à mudança de pavimentação, sem a preocupação em dotar o lugar de equipamentos de lazer e mobiliário urbano, assim como de um tratamento paisagístico.

No trecho compreendido entre o antigo Hotel São Pedro e a Ponte dos Ingleses, a ausência da via pública e as precárias condições do calçadão construído na década de 1990 são o reflexo do processo de decadência recente da Praia de Iracema. Este trecho da praia possuía a maior concentração de bares e restaurantes e atividades de entretenimento, mas atualmente esse tipo de estabelecimento tem se voltado predominantemente para os fluxos do turismo sexual. A especialização desse espaço da cidade para tal fim acabou atraindo outras atividades marginais e ilícitas, como ponto de vendas de drogas e prostituição no espaço urbano, criando conseqüentemente um quadro de violência urbana.

No trecho em que não há acesso à praia, pois não foi contemplado no projeto do calçadão na década de 1990 e que corresponde à área entre a Ponte dos Ingleses e à Ponte Metálica a integração física e visual com a praia está completamente comprometida. O projeto mais recente de urbanização da área pretende estender o calçadão até a Ponte Velha. O projeto do Acquário do Ceará almeja ocupar exatamente essa área. Caso se concretize, o impacto será enorme¹³.

A morfologia do bairro é absolutamente heterogênea em função dos sucessivos processos de valorização e decadência da área. Embora a Praia de Iracema tenha sido considerada, por lei municipal específica, a partir da década de 1990, como área de interesse urbanístico, as proposições contidas no plano, muitas delas repletas de equívocos, não tiveram nenhuma

¹³ Ao largo da faixa litorânea, a Avenida Monsenhor Tabosa, na Praia de Iracema, constitui importante atrativo para os turistas, pois concentra vários estabelecimentos varejistas de confecções, calçados e artesanato. Muitas dessas mercadorias são produzidas em indústrias de pequeno e médio porte em vários bairros de Fortaleza e municípios da RMF, demonstrando que a espacialização da urbanização impulsionada pelo turismo articula e mobiliza diversos fluxos e atividades em todo o território metropolitano.

ressonância no processo de desenvolvimento urbano sustentável em longo prazo da área. Ao que tudo indica, o poder de atração da Praia de Iracema constitui também a sua maior fragilidade.

A chamada orla turística de Fortaleza se confunde com a extensão da Av. Beira Mar. Verifica-se um entrelaçamento intenso entre a dinâmica do mercado imobiliário e do turismo na área, visíveis na rede hoteleira instalada e na construção de edifícios multifamiliares, que muitas vezes são adquiridos por estrangeiros. O tipo de ocupação na Beira Mar revela o papel preponderante do mercado no processo de urbanização turística, uma vez que o mesmo se vale da infraestrutura instalada e das benesses do ambiente natural (defronte ao mar) para criar oportunidades de negócios, ofertando estes produtos para os turistas.

A feição da orla da Beira Mar (Figuras 08) sofreu um processo intenso de verticalização nos últimos vinte anos, ao ponto de restarem pouquíssimos terrenos vagos ou com edificações horizontais. Vários clubes localizados junto à orla foram destruídos para dar lugar a torres residenciais. Os hotéis e flats não constituem a única modalidade de hospedagem na área, muitos empreendimentos residenciais servem a este propósito, seja através de aluguéis por temporada, seja através da compra por parte dos turistas.

Figura 08: Vista Aérea - Orla Beira Mar



Fonte: Acervo Fabian Salles

Como muitos hotéis se localizam na Av. Beira Mar, os fluxos turísticos são intensos, reforçados pela existência de muitos bares e restaurantes, casas de câmbio, veículos de traslado, comércio informal, entre outros usos e apropriações que atestam a urbanização desencadeada pelo turismo.

O calçadão da Beira Mar foi reformado no início da década de 2000, com a mudança na pavimentação, construção de barracas de praia, mudança do mobiliário urbano e reforma do Mercado do Peixe. As intervenções do Estado na área através da criação de infraestrutura para atender os interesses da elite local são indiretamente intervenções para o turismo¹⁴.

¹⁴ Mais recentemente, em 2010, a Prefeitura Municipal de Fortaleza promoveu um concurso de ideias para a área denominado Concurso Público Nacional de Ideias para o Reordenamento Geral e Projetos Arquitetônicos, Urbanísticos e Paisagísticos da Avenida Beira Mar em Fortaleza. Outra intervenção recente na Beira Mar foi a construção de um jardim japonês em um trecho de dunas ainda preservado, conhecido como Granville, que foi completamente descaracterizado para dar lugar a uma obra cenográfica, com fins turísticos.

A ocupação do calçadão é bastante diversificada, serve simultaneamente à população local e aos turistas para práticas de esporte e lazer. No entanto, verifica-se em muitos casos a apropriação do espaço público pelo privado, visíveis na ocupação ao longo de quase toda orla de barracas de praia e restaurantes que dificultam ou restringem o usufruto da praia, privatização esta potencializada pelo estreitamento do calçadão em diversos trechos. Esse tipo de ocupação é um indicativo do processo de exclusão social, pois somente quem possui condições de pagar desfruta da oferta de serviços turísticos.

A animação das atividades no calçadão é garantida pela presença da feira de artesanato, que exerce forte atratividade. Em torno da feira, verifica-se um movimento intenso de comércio informal e ambulante, mobilizando a população de diversas áreas da cidade, que afluem para este mercado potencial de consumidores de produtos regionais, como o artesanato, as comidas típicas, a confecção, calçados, entre outros.

A condição de orla turística da Beira Mar é beneficiada pela proximidade com a Aldeota, que por concentrar uma diversidade de oferta de comércio e serviços, atrai considerável contingente de turistas que se valem do polo terciário da área, sobretudo o comércio dos shoppings.

A Beira Mar, pelo seu uso turístico, tem forte impacto visual, que capturado como cartão postal é comercializado enquanto espaço-mercadoria. Como tal, sintetiza a imagem da Fortaleza turística, ocultando a realidade socioespacial da cidade, espacializada na fragmentação e diferenciação da sua orla marítima. Vale salientar que o processo predatório da ocupação da orla, no entanto, não se verifica apenas onde os espaços são criados para o turismo, mas onde há, sobretudo, a ocupação irregular por parte da população menos favorecida.

A *“qualidade ambiental urbana”*¹⁵ é insuficiente mesmo nas áreas mais valorizadas e fisgadas pelo turismo, como é o caso dos espaços públicos e coletivos da Av. Beira Mar. Algumas situações são alarmantes, como os passeios da avenida localizados junto aos edifícios, em sua maioria, estreitos, sem arborização, sem condições mínimas de acessibilidade universal, agravado pelos muros, guaritas e mecanismos de segurança dos edifícios.

A atividade turística no Meireles tem um apelo litorâneo tão evidente, que a maioria dos empreendimentos voltados para a atividade, principalmente de hospedagem, se concentram entre a Avenida Beira Mar e a Avenida Abolição, a primeira via paralela ao mar na direção do sertão, revelando um processo de ocupação ligada ao turismo do tipo linear, em função da localização privilegiada do mar.

Nesse sentido, os roteiros e deslocamentos dos turistas são na sua maioria ao longo da orla considerada turística, definindo limites entre territórios específicos apropriados pela população e

¹⁵ Para Vargas (1999, p. 10) *“o conceito de qualidade ambiental urbana (de vida urbana), vai além dos conceitos de salubridade, saúde, segurança, bem como das características morfológicas do sítio ou do desenho urbano. Incorpora também os conceitos de funcionamento da cidade fazendo referência ao desempenho das diversas atividades urbanas e às possibilidades de atendimento aos anseios dos indivíduos que a procuram”*.

pelos turistas, contribuindo para especialização dos lugares e conseqüentemente para um quadro de segregação socioespacial desencadeado pelo turismo.

Orla e Porto do Mucuripe

Como o desenvolvimento deste trecho esteve vinculado às atividades do porto, historicamente consideradas áreas degradadas pelo porte e tipo de atividades que concentram, a orla do Mucuripe tem usos conflitantes em relação à atividade turística.

Localizado em um ponto de inflexão da orla da cidade, o porto constitui verdadeiro limite¹⁶ para expansão da configuração espacial nos moldes da orla turística da Beira Mar, muito embora o trecho compreendido entre o late Club e o porto tenha sido apropriado por edifícios multifamiliares destinados à habitação, um hotel e um flat. Como a Av. Beira Mar litorânea termina no Mercado dos Peixes, os terrenos em que estes empreendimentos foram colocados impedem o acesso à praia, constituindo mais um exemplo da privatização da faixa de praia (Figura 09).

Figura 09: Vista Aérea - Porto do Mucuripe



Fonte: www.skyscrapercity.com

Existe ainda um porto de ancoragem de jangadas em função da pesca tradicional que, junto com as ocupações irregulares e favelizadas, comprovam a permanência das práticas marítimas tradicionais de forte impacto na morfologia da orla. A presença de torres de geração de energia eólica demonstra a coexistência de usos contemporâneos e tradicionais na orla.

Os impactos ambientais nesse trecho da orla são os mais variados, sobretudo no que se refere às conseqüências dos assentamentos subnormais, que ocupam as áreas de domínio das marés e correm risco de destruição, emitem esgoto para o oceano devido à falta de saneamento básico, e comprometem evidentemente a balneabilidade da praia. O quadro de degradação do ambiente construído é alarmante.

¹⁶ A barreira que o porto constitui na integração da orla no sentido leste-oeste e a orla no sentido noroeste-sudeste é reforçada pela presença do ramal ferroviário Mucuripe-Parangaba. A exclusão do trecho da orla se dá também em função das diversas ocupações favelizadas na faixa de praia e nas áreas de dunas.

No entanto, é preciso destacar que esse quadro de degradação ambiental não é um reflexo direto da urbanização proveniente da atividade turística, pois tem sua gênese relacionada a outras dinâmicas socioespaciais. A orla do Mucuripe se ressentiu de um projeto de intervenção urbana, que contemple a permanência das atividades industriais e portuárias, o reassentamento, a regularização e a urbanização das ocupações irregulares e a integração com a Praia do Futuro.

Orla turística secundária: Praia do Futuro

A Praia do Futuro pode ser considerada uma orla turística secundária, pois em toda a sua extensão verifica-se a presença de estruturas voltadas para as atividades de lazer e turismo. A atratividade que a praia exerce se sustenta em dois aspectos principais: a permanência da balneabilidade, diferente da Praia do Meireles e a infraestrutura de barracas na beira da praia.

As barracas localizadas na Praia do Futuro datam do início do processo de urbanização desse trecho da orla. No entanto, com o advento do turismo, muitas barracas modernizaram suas instalações com a implantação de piscinas ou pequenos parques aquáticos, ampliação dos restaurantes, decks, lojas, áreas de lazer para crianças, entre outras melhorias (Figura 10).

A implantação dessas barracas em faixa de areia de domínio da Marinha tem provocado ao longo dos anos muitas discussões e impasses. O conflito reside não somente na ocupação ilegal da área, mas na privatização da mesma. No entanto, essa infraestrutura de apoio ao lazer litorâneo constitui uma das maiores atratividades da praia e um dos fatores responsáveis pelo incremento do turismo, ideia defendida pelos que se apropriaram da área. Aliás, esse tipo de ocupação e qualidade de infraestrutura privada dificilmente se encontra em outra praia do Nordeste ou mesmo no Brasil.

Figura 10: Vista Aérea - Praia do Futuro



Fonte: Acervo Fabian Salles

Ao passo que a infraestrutura privada das barracas de praia é bastante satisfatória em termos de qualidade de serviços, a infraestrutura pública para a prática de atividades de lazer é bastante precária. Ainda que o calçadão abranja toda a extensão da orla, a ausência de equipamentos urbanos e de lazer, a pavimentação, e a escassa arborização não favorecem o uso dos espaços públicos.

A configuração da paisagem da orla da Praia do Futuro, devido à implantação das barracas não permite a integração física e visual com o mar. A privatização da faixa de praia, processo verificado ao longo de quase toda orla fortalezense, revela o processo de segregação social em relação à

apropriação da praia como área de lazer. De certa forma, alimentadas ainda pelo turismo, estas barracas são utilizadas pela população local que possuem maior poder de consumo de desfrutar dos serviços ofertados.

Por conta de certa especialização das atividades de lazer e turismo na Praia do Futuro, verifica-se um descompasso entre a dinâmica urbana diurna e noturna. Os fluxos diurnos, principalmente no período de férias, são intensos, ao passo que durante a noite o calçadão é praticamente deserto¹⁷. Essa dinâmica noturna é também prejudicada pela baixa densidade de habitação unifamiliar e multifamiliar ao longo da orla, acarretando de certa forma um quadro de violência urbana, potencializado pela proximidade de diversas favelas na área.

A Praia do Futuro concentra alguns hotéis e pousadas que complementam a rede hoteleira de Fortaleza. Francamente menos sofisticados, exceto o Hotel Vila Galé, os hotéis possuem um gabarito horizontal e se distribuem, na sua maioria, entre o fim da Av. Santos Dumont e a foz do Rio Cocó. O número mais modesto de estabelecimentos de hospedagem concorre também para diminuir os fluxos noturnos de turistas, diferente do uso intenso do calçadão da Av. Beira Mar.

A dinâmica imobiliária amplamente condicionada pelas características naturais do lugar se configura mais nitidamente na zona de dunas. Com a construção do prolongamento da Avenida Padre Antonio Tomás, há uma tendência de expansão imobiliária que acarretará muitas transformações na Praia do Futuro. Um trecho da avenida conduz à Cidade Fortal, que abriga anualmente, nas férias de julho, a micareta Fortal, antes localizada na Av. Beira Mar.

Orla da Praia Da Sabiaguaba

Devido ter sido resguardada historicamente do processo de ocupação litorânea, a Praia da Sabiaguaba constitui uma das únicas áreas conservadas remanescente do município de Fortaleza. Desta feita, em 2006, *“a Prefeitura Municipal de Fortaleza criou e implementou na área duas Unidades de Conservação: o Parque Natural Municipal das Dunas de Sabiaguaba, pelo decreto nº 11.986, e a Área de Proteção Ambiental de Sabiaguaba, pelo decreto nº 11.987”* (SOUZA ET AL, 2009).

Embora a Praia da Sabiaguaba tenha sido recentemente considerada uma unidade de conservação, verifica-se um esboço de ocupação urbanizada através do parcelamento do solo junto à foz direita do Rio Cocó e ocupações que se situam próximas à foz do Rio Pacoti, que ficou conhecido como COFECO, por abrigar a Colônia de Férias da COELCE¹⁸. Embora constitua uma área de lazer associada a barracas localizadas na faixa de praia, destina-se à população local, possuindo pouca relação com a atividade turística.

O acesso à Praia da Sabiaguaba se dá através de uma via estreita e tortuosa que parte da CE-025, que dificulta o acesso à praia. O acesso à COFECO também se dá através da CE-025 e é bem mais facilitado, pois conduz ao Porto das Dunas e está sendo atualmente alargada. No entanto, apesar da proximidade com o Porto das Dunas, a praia não faz parte do circuito turístico de *“sol e mar”*,

¹⁷ Exceto às quintas-feiras, dia tradicionalmente incorporado ao calendário local e, depois, turístico das caranguejadas.

¹⁸ Concessionária de Energia do Estado do Ceará

justificado pelo fato de ser um território de lazer das classes populares, que teve o seu acesso à praia vinculado à facilidade de acesso e ao transporte público entre os terminais de ônibus e a localidade.

A delimitação da Área de Proteção Ambiental da Sabiaguaba, além do Parque Municipal das Dunas de Sabiaguaba¹⁹, constitui importante insumo para o desenvolvimento da atividade turística, conforme os próprios objetivos do plano de manejo em que consta o incremento do ecoturismo. Trata-se de uma forma de atuação do Estado, através da PMF, que valoriza espaços na cidade com maior produtividade e competitividade, por apresentar um bom estado de conservação ambiental, favorável ao desenvolvimento da atividade turística, com capilaridades com a dinâmica imobiliária.

Considerações Finais

Em síntese, os impactos do turismo na faixa litorânea de Fortaleza são condicionados pelas preexistências socioespaciais dos processos verificados na urbanização pretérita, marcado pela heterogeneidade dos usos e apropriações. A fragmentação e diferenciação socioespacial do litoral são reforçadas pela atividade turística que se infiltra nas áreas mais valorizadas (Beira Mar e trechos da Praia do Futuro) ou com potencialidades (Sabiaguaba) para o seu desenvolvimento, mas não é capaz de proporcionar a transformação das áreas mais degradadas e excluídas. Os investimentos públicos e ações do mercado relacionados ao incremento da atividade turística se direcionam para áreas do litoral historicamente valorizadas, exacerbando a segregação socioespacial cristalizadas do processo histórico de urbanização desigual.

Os impactos da atividade turística no litoral de Fortaleza, em função das intervenções governamentais e a ação do mercado, principais agentes da produção e consumo do “espaço turístico” em Fortaleza, podem ser sintetizados nos seguintes aspectos:

- intensificação da urbanização e expansão metropolitana junto à orla, rompendo as barreiras físicas que limitam Fortaleza, com a construção das pontes sobre o Rio Ceará, Rio Cocó e Rio Pacoti e vias complementares;
- valorização dos trechos da orla historicamente produzidos e consumidos pelos extratos mais ricos da população, entre a Praia de Iracema, passando por toda a extensão da Praia do Meireles, trechos do Mucuripe e, de forma menos intensa, a Praia do Futuro;
- incorporação e preservação de áreas mais bem preservadas do litoral como forma de garantir o recurso natural imprescindível para a reprodução da atividade turística, como é o caso da Praia da Sabiaguaba, atributo potencializado por se localizar no sentido da expansão imobiliária;

¹⁹ Embora esta política ambiental, positivamente, restrinja o processo de ocupação e apropriação da Praia da Sabiaguaba, não impede que a área seja incorporada ao processo de urbanização verificado na orla marítima. A criação da APA constitui uma forma de valorização deste espaço que, como recurso natural privilegiado pode se transformar gradativamente em recurso turístico, favorecendo, pela sua proximidade com o município de Aquiraz, os fluxos turísticos na escala metropolitana.

- manutenção da exclusão das áreas ocupadas por assentamentos ilegais e favelizados na orla oeste, em partes da área central, junto ao Porto do Mucuripe e trechos da Praia do Futuro, não sendo capaz de induzir a melhoria das condições de ocupação, das relações precárias entre a urbanização e o ambiente natural devido à concentração dos investimentos públicos e privados;
- transformações de uso e ocupação na chamada orla turística, provocado pela construção de meios de hospedagem (hotéis, flats, pousadas), serviços turísticos como de transportes (ônibus turísticos, vans, taxis, entre outros), alimentação e entretenimento (restaurantes, bares, casas de show, boates), comércio formal e informal (confeção, artesanato, comidas típicas, entre outros), gerando novos fluxos, novas espacialidades e conflitos entre residentes e turistas;
- privatização da faixa de praia, com a apropriação do espaço público pelo privado, excluindo a possibilidade de uso coletivo dos espaços potenciais e privilegiados da orla, excluindo a população menos favorecida, incapaz de consumir os serviços oferecidos pelas barracas e restaurantes localizados no domínio público da praia, como se verifica principalmente na Praia do Futuro;
- e, por fim, o incremento das atividades imobiliárias em função dos investimentos voltados para o turismo, que acabam valorizando os terrenos e imóveis, além do dinamismo dos negócios imobiliários com o crescimento das ofertas e demandas voltadas para investidores estrangeiros e turistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, J. L. de. *Fatores de Localização e Expansão da Cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 1977.
- DANTAS, E. W. C. O mar e o marítimo nos trópicos. *Geosp* (15), 2004, 63-76.
- FREITAS, M. *A Cidade dos Clubes: modernidade e "glamour" na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2005.
- HENRIQUES, E. B. A cidade, destino de turismo. In: *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. Porto, 2003.
- MULLINS, P. Tourism urbanization. *International Journal of Urban and Regional Research* (1593), 1991, 326-342.
- PAIVA, R. A. *Entre o Mar e o Sertão: Paisagem e memória no Centro de Fortaleza* (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- Paiva, R. A. *A metrópole híbrida: O papel do turismo no processo de urbanização da Região Metropolitana de Fortaleza* (Tese de Doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- Prefeitura Municipal de Fortaleza. *Projeto Orla*. Fortaleza: SEMAN, 2006.

SILVA, Â.. M. F. *A cidade e o mar: as práticas marítimas modernas e a construção do espaço da Praia do Futuro* (Dissertação de Mestrado) Geografia, Universidade Federal do Ceará, 2006.

SOUZA, L. S. F.; SILVA, E. V. ; VASCONCELOS, F. P. *A Gestão Integrada da Zona Costeira Através de Áreas Protegidas: O Caso Sabiaguaba (Fortaleza-CE, Nordeste do Brasil)*. In: *Anais do 12º Encontro Latino Americano de Geógrafos - EGAL 2009*. Montevideo: Universidade de la República. 2009.

VARGAS, H. C. *Qualidade ambiental urbana: em busca de uma nova ética*. In: *Anais do VIII Encontro Nacional da ANPUR*. Porto Alegre: ANPUR, 1999.